

algodão. Reconhece, porém, que, além da influência das associações industriais, Vargas era também poderosamente orientado pela pressão das classes média e trabalhadora. Em suma, eram todos os segmentos urbanos que se erguiam, ávidos de se alçarem afinal ao poder. Frustrados em seus anseios pela primeira República que se anunciara tão promissora, mas que falhara em suas promessas, os elementos urbanos, agora reforçados e mais poderosos em face de uma lavoura exaurida e individada, estavam dispostos desta vez, a não deixar escapar o fruto das transformações por que passara o país.

A segunda guerra mundial traz à indústria textil do algodão, no Brasil, a prosperidade e uma efêmera preeminência na América Latina. A impossibilidade de renovar rapidamente seu maquinário impediu-a de conservar seus mercados. Preocupado com o mercado externo, o industrial de tecidos pouca atenção dispensava ao mercado interno cujo consumidor, por seu lado, acusava o industrial de ganância. “A insistência da indústria na exportação a fim de salvá-la dos malefícios da suposta super-produção, reabriu as questões do grande debate da década de trinta que a prosperidade do período de guerra temporariamente, pusera de lado” (. 179). Retornava-se ao impasse que desafiava a capacidade inovadora dos industriais brasileiros. A mudança, entretanto, esbarrava-se na atitude tradicional que consistia em recorrer ao governo ao defrontar-se com dificuldades. Mas não revelaria essa atitude, não uma ausência de “capacidade criadora” mas, antes, a natural impotência de um ramo da economia em face de uma estrutura sócio-econômica arcaica que este ramo por si só, sem o auxílio governamental, não conseguia transformar? A própria incapacidade em manter o mercado externo pela impossibilidade de renovação do maquinário evidencia a complexidade do problema e a necessidade de um harmonioso entrosamento dos diversos elementos de uma economia, já por si de delicado funcionamento, quanto mais em se tratando de um país com a heterogeneidade do Brasil cujas regiões apresentam os mais díspares estágios de desenvolvimento.

Stein reconhece, entretanto, a importância da intervenção estatal como fator decisivo do nosso desenvolvimento industrial e encontra mesmo aspectos positivos em períodos de desregramento inflacionista como aconteceu na época do Encilhamento. Como vemos, são oportunas as questões abordadas por essa autorizada e importante análise da nossa indústria manufatureira do algodão.

NÍCIA VILELA LUZ

*

* *

Memórias do Marechal de Campo Visconde Montgomery de Alamein, K. C. Ibrasa. São Paulo, 1960. 495 pp., 4 planchas e 14 mapas.

Trata-se de um livro de memórias muito interessante, pois o seu autor foi das figuras mais proeminentes da 2.ª Guerra Mundial (1939-1945). É interessante porque através desse volume, aliás mui-

to bem escrito e traduzido, podemos ver a organização militar do Império Britânico antes da Guerra e de como, pouco a pouco, o exército britânico mobilizou-se e foi reorganizado para fazer face à mais aguerrida máquina de guerra até hoje posta em funcionamento. Através dos comandos de Montgomery podemos ver como o exército inglês cresceu e se manteve firmemente agarrado ao litoral inglês, permitindo pouco a pouco ao Império Britânico assumir a liderança fora da Europa sob a firme direção de Churchill.

O autor descreve muito bem a *drôle de guerre* em França e o que foi a famosa retirada de Dunquerque com todo o seu heroísmo e misérias.

Em seguida trata o autor de uma das mais interessantes fases da guerra: o duelo Rommel versus Montgomery nas areias do norte da África, desde a Batalha de Alam Halfa até a famosíssima Batalha de El Alamein, terminando com a rendição do **Afrika Korps** na Tunísia com o auxílio do 1.º exército britânico, os franceses do general Leclerc e os americanos desembarcados em Marrocos (2.º Corpo).

Após, o livro trata da invasão da Sicília e o desembarque no sul da Itália, em socorro do bolsão de Anzio. Aqui entramos numa parte do livro de grande interesse para nós: o teatro de operações da Força Expedicionária Brasileira — pequeno mais eficiente peão no grande jogo da Guerra na frente italiana — que acompanhamos com emoção de um combatente e comandante de pelotão de morteiros do 1.º batalhão do 6.º Regimento de Infantaria (Regimento Ipiranga). Vemos desfilar a grande figura de Lord Alexander, a quem conhecemos pessoalmente e muito admiramos como o comandante do *front* italiano, assim como Mark Clark e outros cabos de guerra.

Mais ou menos na metade do livro o autor entra na parte crucial da 2a. Guerra Mundial: o desembarque na Normandia e a evolução das operações ofensivas dos Aliados. Sobressai aí, em páginas dramáticas, a marcha sobre o Reno e posteriormente sobre Berlim, a concepção estratégica diferente dos americanos, o General Patton, a apreciação do papel desempenhado pelo General Eisenhower, que tanta celeuma levantou nas duas margens do Atlântico.

Em seguida, Montgomery mostra a rendição da Alemanha, o seu desarmamento e com grande interesse vemos nascer aí problemas que estão ainda empolgando e preocupando a Humanidade nos nossos dias.

Finalizando, mostrou o autor a sua atuação a frente do Whitehall, a sua doutrina estratégica que ainda dirige os destinos militares da Grã-Bretanha. Também nessa parte final do livro vemos o aparecimento da NATO e todas as suas crises de crescimento, que tanta importância tem para nós neste momento.

Como se vê, o livro é de grande interesse para quem queira situar na História os atuais problemas políticos e militares de que continuamente tomamos conhecimento pela imprensa diária. Por isso esse livro é obra que recomendamos vivamente aos nossos alunos.

E. SIMÕES DE PAULA.